

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3540 réis — Semestre, 15770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscrição-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 35000 réis — Semestre, 15500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 66

SEXTA-FEIRA 14 DE FEVEREIRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

O movimento politico que se tem operado ultimamente na Europa, as complicações que temos visto surgir subitamente, e entrar as relações dos diversos povos entre si, dão a demonstração solenne e irrefragavel de que não é ainda este seculo que conseguirá a victoria definitiva dos direitos imprescriptiveis da humanidade sobre o interesse illegitimo das facções.

Os que conservavam a fagueira illusão de que veriam resolver esse grandioso problema, que a civilização legara á geração presente, deverão ter experimentado um penoso desenganho. Continuam as mesmas disputas miseraveis, reproduzem-se os mesmos horrores, que a historia nos ensinara a execrar, e que a consciencia nos dizia não deverem mais repetir-se.

Sem alludirmos, em especial, a nenhum facto, sem nos inspirarmos das apprehensões produzidas por algum successo lamentoso, e de data recente, consideramos com espanto todas essas evoluções que a politica nestes ultimos sessenta annos tem feito, não para melhorar a condição dos povos, mas para os deslumbrar pelo aspecto de commettimentos, tanto mais ambiciosos e egoistas, quanto mais brilhantes, e aparentemente mais generosos.

No principio deste seculo, era opinião geral entre os politicos que a paz do mundo seria consolidada dentro em poucos lustros. A diplomacia aprestava-se para resolver em ultima instancia todas as questões. Dizia-se que a força era um meio barbaresco de sustentar o direito. Promettia-se fazer cessar por uma vez todas as guerras entre as nações. Fallou-se em fechar os arsenaes, licenciar os exercitos, fazer ancorar as armadas, e deixar franco o oceano a todas bandeiras.

Estas theorias mais seductororas do que sinceras, como a experiencia mostrou mais tarde, calaram no animo de muitos. Espiritos francos, mas pouco profundos, se deixaram imbuir demaziado por ellas. Chegaram mesmo a produzir a impaciencia em animos mais insofridos. Contando a paz universal, tão difficil de conseguir, como tem sido difficil d'encontrar a pedra philosophal, conserva-se ainda em mero projecto, que, por uma subita revolução de ideias, é hoje classificado pela maioria como utopico e irrealizavel.

O que temos visto é realmente muito azado para nos conduzir a esse pensamento. Em quanto que se perorava contra os exercitos permanentes, e se demonstrava com dados irrecusaveis o erro economico da sua conservação, o ecco da guerra, que começava a travar-se em territorios visinhos, revelava a imprudencia e perigo de prescindir do seu concurso, e a diplomacia, empenhando para lhe obstar os mais poderosos dos seus recursos, não servia senão para demonstrar mais que muito a impotencia dos seus esforços. No entretanto, a paz que se promettia não

era nem um sonho irrealizavel, nem um impossivel pratico. Supponnos mesmo que o não é sem elevarmos a imaginação até essa felicidade ideal, somente compativel com uma sociedade organizada pelo molde da «Utopia», de MORUS, ou da «Cidade do Sol», de CAMPANELLA. Parece-nos, e de certo é assim, que era possivel estabelecer entre os povos essa segurança reciproca, essa igualdade de direitos e deveres, essa inalteravel justiça que atalhasse todas as desavenças, e prevenisse todos os conflictos.

Atribue-se á fraqueza e vicios da condição humana, muito do que podia ser remediado sem difficuldade, e que está nas proprias forças do homem, que é consentaneo com a sua natureza, e não encontra os seus instinctos. Isto dá-se seguramente naquelle caso. Seria preciso descrever completamente de todos os principios sociaes, para afirmar que é impossivel harmonisar as relações de todos os povos, de fórma que elles reconheçam que o seu unico e commum interesse é manter a paz universal.

Não é, porém, d'aqui que o mal resulta. Todos os povos desejam a paz. O seu interesse sabem elles que é mantel-a. O mal provém unica e exclusivamente das ambições que os avassalam, e que esterilizam calculadamente os seus generosos sentimentos. A politica etasta desta epocha, não procede dos povos, mas dos governos. São estes e não aquelles que dirigem todas essas maquinações preversissimas, que conservam as sociedades em permanente confagração.

Apesar da influencia directa que no governo dos estados europeus tem assumido o povo, os homens investidos do mando supremo, regulam-se ainda na maior parte, não pelos interesses legitimos das nações, cujos destinos lhes estão confiados, mas pelas inspirações maldosas de interesses bastardos, e que para vingarem não escolhem meios, mas somente miram os fins. Se, em um ou outro paiz, e veem accordes os governos e os povos lançarem mão a uma empresa civilizadora, n'outra parte, os governos ou as dynastias que as inspiram, seguem vereda contraria, conservando-se em perenne e manifesta desarmonia com os povos.

D'aqui vem a cor sombria que tem annueado o horizonte da politica europeia nestes ultimos periodos. Desta desarmonia tem resultado a inutilização das salutaras tendencias que no principio do seculo dezenove se notavam na politica, e os gravissimos acontecimentos que tem retardado a solução d'esse grandioso problema, em que tanto era interessada a sorte da humanidade. Associando os elementos mais abominaveis e ignobes, uns poucos de homens poderosos tem continuado a alimentar na Europa o foco de todos esses criminosos excessos, de todas essas execraveis atrocidades, que não deviam mais repetir-se.

Todavia um grande ensino devem inferir d'ahi os povos. Se restringidos, como se acham os arbitrios dos que teimam em opprimilos com a sua pernicioso influencia, maquinam deste

olhos do bom velho, e estas solennes palavras sahiram da sua bocca:

— Meu filho, Deus te fade tão bem quanto t'ò mereço o muito sangue de infieis que has feito correr, e a muita alegria de que encheste o coração de teu pae.

E lançou-lhe a benção paternal. Entrava neste instante o Malabar. Vimaná Parobó fazia parte da familia de Fernão Rume. A causa desta adopção deve de ser explicada pela necessidade que padecia o genio imperioso e despotico do marinheiro d'um objecto sobre o qual se podesse empregar sem restricção, ou limite.

Desta vez porem nada tinha o mourisco a receiar da parte de Rume; mal transpunha os umbraes da porta, quando este:

— Em boa hora chegaste, mano, que nos heide fazer presente d'uma cabaia de mais louçania e primor do que... Callou-se aqui Fernão Rume. Não achava entre todas as cabaias que durante a sua vida tinha visto, alguma que fosse digna de servir de termo de comparação aquella que imaginava offerecer a Vimaná Parobó.

Dz como o vice-rei despachou a D. Garcia de Menezes para ir entrar na fortaleza de Ternate. Da antiga verdade de certo proverbio. E da guerra que el-rei de Viantana moveu a malaca.

Investido D. Afonso no governo da India, poz logo mão ao leme e começou a intender na

modo para dilatar a esphera das suas prepotencias, deve a parte illustrada das nações segregar do seu seio esses membros corruptos, impondo severos limites á auctoridade dos que lhes succederem.

Não quer o povo a paz? Não lucra com a conservação della? Não pesam sobre os seus mais caros interesses as consequencias dessas lutas fratercidas, em que se desperdiça o sangue de seus filhos? Não é ao povo, principalmente, que é precisa a conservação dessa preciosa tranquillidade, no seio de qual se desmolvem todos os elementos da sua riqueza?

Incontestavelmente. Pugnem pois os povos pela paz. Retirem o seu apoio aos governos que infringirem as leis do pacto social, infracções que d'ordinario levam á guerra. Não deixem desvanecer-se pela perspectiva d'uma gloria fallaz, e concorram todos para firmar o principio salutar de que as nações são grandes pela justiça com que procedem, e não pela força de que dispõem.

O que se está passando no concelho de Sever é uma demonstração pratica do estado de desmembramento e desorganização em que entre nós se acha a administração publica. A acção da auctoridade longe de chegar a todos os pontos da periphéria administrativa, concentra-se no foco, sede do governo, e ou não tem força para reprimir os excessos que se dão fora d'alli, ou não se presta mesmo a reprimilos.

Continua o estabelecimento mineiro, que ha naquelle concelho, a ser alvo das malquerenças, e das preversas maquinações d'alguns homens que se dizem por elle prejudicados nos seus interesses sem que a auctoridade local possa obstar-lhes, e manter a segurança e a ordem. Segundo nos consta, já incendiaram um pinnhal pertencente ao mesmo estabelecimento, e projectam a destruição completa delle em um dia proximo, para o que tem feito uma especie de propaganda entre os povos circumvisinhos.

O pretexto é o prejuizo que resulta ás vinhos do fumo expellido pelas chaminés das maquinas e fundições; o verdadeiro motivo parece que é a celeuma que se tem levantado entre os proprietarios da localidade, em consequencia da elevação dos salarios aos jornaleiros, procedida pela concorrência dos trabalhos da mina.

Isto accusa tambem a deploravel ignorancia em que se acha parte do nosso povo. Para que aquelles pretextos sejam accreditados, e para que este motivo faça elaborar um tão louco projecto, é decerto necessaria uma grande cegueira intellectual. Toda a gente sabe que ha molestia nas vinhos em todo o reino, e que nem em todo o reino ha minas e fundições. Todos devem saber, por experiencia, ao menos, que a existencia de similhantes estabelecimentos é vantajosa ás localidades em que se acham montados, e em geral ao paiz. A propria alta dos salarios, por tal motivo, é apenas um mal relativo para alguns,

mareagem d'aquella grande nao, sempre ameaçada por tempestades, cada vez mais temerosas, fluctuando sempre á mercê d'um mar de ambições e egoismo cada vez levantado.

Um dos seus primeiros actos foi mandar substituir na capitania das ilhas Molucas, a Jordão de Freitas. Assim lh'o pedia com repetidas instancias o rei de Ternate, com quem nunca soubera viver em paz aquelle capitão. E lembrou-se D. Afonso de Noronha então do joven enamorado, que trouxera consigo do reino. Reconhecia n'elle capacidade para desempenhar o cargo e pois necessario é dizer tudo, reconhecia tambem no cargo capacidade para fornecer a D. Garcia o cabedal, que elle havia mister. Adquiria deste modo a posse de voltar a Portugal e poder offerecer o seu nome aquella a quem devia a honra; divida sagrada.

Era o cabedal que D. Garcia podia tirar do governo daquellas ilhas nada menos de vinte mil cruzados, e naquella epocha pouco posterior á de D. João II, na qual Rezendez nos pinta o povo destes reinos afflicto, porque já se pagava a 30 rs. o alqueire de trigo, 20.000 cruzados, não eram fortuna, que deixasse de convir a um fidalgo, ainda quando o fidalgo tivesse o nome de Menezes, filho fosse de um claveiro, e ainda quando houvesse de repartir suas rendas com mulher a quem desse o nome de esposa. Donde, em ultima analyse se deve de concluir ser já verdadeiro ha trez seculos o rifão popular, que affirma não haver de morrer mouro aquelle que tem padrinho. Mas em compensação, se a D.

e um bem absoluto para todos sendo compensado, para aquelles mesmos, por outras muitas vantagens que não é difficil conhecer.

A auctoridade publica, se tivesse energia e soubesse ou podesse occupar dignamente o seu lugar, tinha em si os meios de esclarecer os illudidos, e conter os reluctantes. O seu primeiro dever era apoderar-se dos propagandistas, dos que sobrelevam o animo do povo, e impor-lhe as penas da lei. Porque o não tem feito? Queixa-se talvez que não tem força. E' o mal que começamos por advertir.

Como quer que seja, hontem para lá marchou quasi todo o destacamento que se achava estacionado nesta cidade, e asseveramos que alli tem já convergido uma força de 9 de infantaria, que está em Lamego, e um forte destacamento do 14, de Vizeu. Esperamos o resultado.

A auctoridade superior deste districto, onde é situada a mina, teria cumprido o seu dever se alli tivesse ido examinar o estado de cousas, e providenciar como conviesse. Tambem o não fez e provavelmente não o fará. O caso porem parece-nos que requeria a sua presença, e que valia a pena deixar um momento os brandos oculos da capital do districto, pelas agruras e penedias de Sever.

A discussão da camara dos pares vae tomando cada dia maiores proporções. Do resultado della, não pode deixar de esperar-se que o ministerio se ressinta, e seria mesmo pouco constitucional, que em vista do que se está passando naquella casa, o ministerio se lhe conservasse indifferente. Presamos os principios, e desejamos que os governos, sejam elles quaes forem, deem exemplo do seu respeito por elles.

No lugar competente damos publicidade a um edital, cuja copia nos foi facultada pela reitoria do lyceu nacional desta cidade. Contem uma providencia escholar tomada pelo respectivo conselho com relação a alguns estudantes que perderam o anno por faltas.

Desta providencia são solidarios todos os membros daquella corporação.

A parte que diz respeito á sahida dos estudantes para fora da cidade figura-se-nos um pouco rigorosa, posto que temperada pela concessão de continuarem aqui a residir aquelles que mostram que disso tem necessidade. Em Coimbra algumas vezes se tem usado de maior rigor, em certos casos. Nós discordamos delle, com relação a este objecto, em toda a parte, e todos os casos.

O Bem Publico não achou mais com quem debicar a proposito da expulsão das irmãs da caridade do hospital de S. Francisco, do Porto, apesar de outros jornaes terem fallado desse facto com mais particularidade do que nós, e veiu discutil-o com o Districto d'Aveiro, que delle fizera mui ligeira appreciação.

Garcia podia desvanecer-se o receio de morrer mouro, estava contudo muito arriscado a morrer em terra de mouros.

O vice-rei deu ao novo capitão um galeão que, tocando Malaca, o devia de transportar ás ilhas Molucas, e uma carta de guia, a cuja vista, qualquer capitão que estivesse de posse da fortaleza a entregasse logo aquelle que a apresentava.

D. Garcia aceitou com reconhecimento o favor do vice-rei, e, lembrando-se por entre o estrepito das armas dos seus livros e do seu Plutarcho, promettia a si mesmo reunir no desempenho das suas novas obrigações ao valor heroico d'um Themistocles a mais heroica ainda justiça d'um Aristides; e que sede não haviam soffrido desta virtude, desde Antonio Galvão até alli, aquelles pobres dominios! Em quanto elle dá á vella pedimos nós ao leitor nos acompanhe a Malaca, podendo já affiançar-lhe o não levaremos mais longe.

Malaca, situada na parte occidental da peninsula, que antigamente se ensoberbecia com o nome de Aurea-Chersoneso, mira-se nas aguas do estreito, que separa da peninsula a grande ilha de Sumatra, que lhe fica do lado do sudueste. De grande importancia outrora pela sua posição commercial, foi ella um dos portos, contra os quaes se dirigiram nossas primeiras expedições, na epocha em que chegamos á India. Sotlhoreada por Afonso de Albuquerque em julho de 1511, apenas o heroe desafferrou do seu porto recuperava ella a liberdade. (Continua)

Agradecemos a preferencia, mas parece-nos que desta vez o illustrado collega não acertou. Não somos nós que podemos dar curso as suas tendencias polemicas. Respeitamo-l-o muito, mas declinamos a honra de o acompanhar neste esmiuçamento de ideias e palavras, em que se diverte procurando, não diremos encher papel, mas refocillar o espirito d'alguma grave meditação, com que talvez seja obrigado a occupar-o parte do dia.

Isto não é excusar-nos de nos medirmos com tão valente campeão; estamos promptos a fazel-o, e já alguma vez lho provamos; mas agora occupar-nos a discutir, se fizemos bem ou mal em transcrever do *Diario do Povo* uma noticia, que aquelle jornal publicou, cuidamos que não vallesse muito a pena. Esta questão resolve-se em duas palavras: merecia-nos credito o collega do Porto? Nesse caso a transcrição está justificada. A noticia era falsa? Estamos obrigados a dar rectificação, e dal-a-hemos, logo que a falsidade nos seja demonstrada.

Tudo o que não for isto é pueril e não se explica senão pela necessidade de escrever alguma cousa. Pode ser campo para debique, talvez para injurias, de que a civilidade do collega nem sempre consegue garantil-o, mas não para discussão d'algum interesse. Não acha?

E a proposito de injurias, o nosso noticiario ficou extremamente magoado com a comparação do muro em branco. Considerou-a como attentado a sua critica. Nós, mais costumados a estas amabilidades do collega, consideramola indifferente para o credito do jornal. Não nos espantou. Tão pouco nos fez rir. E contudo era a isto que ella era destinada, segundo parecia. A outra cousa não podia ser.

Agora quanto a expulsão das irmãs da caridade do hospital de S. Francisco, nem nós podiamos discutir. Nós applaudimos o acto, por que nos pareceu que elle não poderia ter lugar sem um motivo justificado, e que isso mesmo se deduzia da quasi unanimidade da votação. Não sabemos esse motivo, porque nem somos irmão daquella ordem, nem vivemos no Porto. O collega sabe-o? Nesse caso está mais bem informado do que nós. Não podemos bater-nos com armas eguaes.

Mas o collega queria talvez que as irmãs da caridade fossem conservadas no hospital, houvesse ou não motivo para serem expulsas. Ahi divergimos essencialmente. Se a conveniencia da ordem exigia que fossem expulsas, entendemos que o deviam ser. Applaudimos nesse caso a resolução do definitório, peze a quem pezar.

Que o respectivo ministro escrevesse que «na resolução não influiu motivo desabonatorio ás irmãs», não prova que igualmente não influisse outro motivo de conveniencia particular para a ordem, e tanto assim que o ministro affirmava igualmente que a opinião publica dos irmãos daquella veneravel ordem não era favoravel ao emprego das irmãs no serviço da mesma».

Mas o *Bem Publico* não leva em conta esta ordem de razões, porque estava empenhado em que as irmãs se conservassem á testa do hospital. Tenha paciencia. Outros pensam d'outro modo. E por mais que se esfalfasse era de crer que os não fizesse mudar d'opinião; não por falta de logica sua, mas por pertinacia delles. Conheçemos alguns tão cabeçudos, que não se demoveriam nem em vista de insultos ignaes aos que o contemporaneo dirige aos irmãos de S. Francisco.

Ficamos pois por aqui.

A. P.

PARLAMENTO

Camara dos srs. deputados.

Sessão de 1 de fevereiro
(Presidencia do sr. Ferrer)

Deputados presentes 62.—Acta approvada — Correspondencia — Interpellações.

O sr. barão das Lages mandou para a meza uma representação dos distribuidores do correio da posta, na cidade do Porto, pedindo que se lhes conservem os seus vencimentos, em quanto estiverem doentes.

O sr. Neutel chamou a attenção do sr. M. da fazenda, para a conveniencia de se permitir que pelo porto da Quarteira se possa exportar alfarroba, figo e azeite de peixe de produçao d'aquella localidade; bem como para a conveniencia de se dar de arrematação, o direito de pescada n'aquelles pontos, onde o rendimento do direito é igual ou inferior á despeza com a fiscalisação.

O sr. M. da fazenda disse que ainda se lhe não tinha feito representação alguma para se permittir a exportação dos generos indicados pelo porto de Quarteira; mas em vista da nota que tomou do que o sr. deputado disse, ha de vêr o que se pôde fazer a este respeito.

Em quanto á ideia de arrematar o direito do pescado, nas localidades onde o seu rendimento é diminuto, ha de vêr o que se poderá fazer em vantagem dos povos, e sem prejuizo da fazenda.

O sr. Claudio José Nunes chamou a attenção do sr. M. da fazenda, para alguns pontos da reforma da alfandega municipal, que estão affectando os interesses de varias industrias.

Pedi também providencias contra a desigual distribuição, pelos concelhos, dos contingentes das contribuições predial e pessoal.

O sr. M. da fazenda disse que em quanto á reforma da alfandega municipal, ella foi feita por empregados muito habéis; e acredita que algumas apprehensões que se levantaram no commercio, contra alguns pontos dessa reforma, serão completamente desvanecidas pelas explicações ver-

baes que tem dado o director d'aquella casa fiscal, e pela resolução d'algumas representações que o commercio tem feito, e que estão sendo examinadas para depois serem decididas, conforme o razoavel.

Em quanto ás desigualdades que se dão na distribuição dos contingentes das contribuições predial e pessoal pelos concelhos, são filhas da natureza do systema de contribuições que está adoptado.

Sobre esta ultima parte ainda tiveram a palavra os srs. C. J. Nunes, Coelho do Amaral, Quaresma, Sá Nogueira e M. da fazenda.

O sr. Blanc enviou o parecer da commissão sobre a alteração feita na camara dos pares ao orçamento do corrente anno.

O sr. M. da justiça mandou para a meza uma proposta sobre o credito predial.

O sr. Vaz Preto chamou a attenção do sr. M. da fazenda sobre a conveniencia de sustar-se na venda dos bens pertencentes á mitra de Castello Branco, os quaes lhe parece que não podem ser vendidos em vista da lei da desamortisação.

O sr. Miguel Osorio e Xavier da Silva usaram da palavra para mostrar os passos que deram para que não se vendessem os bens a que alludiu o sr. Vaz Preto, e com effeito o sr. M. da fazenda, mandou-os retirar da venda.

O sr. M. da fazenda disse que convencido de que se não deviam vender os bens da mitra de Castello Branco, tinha mandado suspender a sua venda.

O sr. Luciano de Castro disse que tendo chegado o paquete do Rio de Janeiro, e constando por elle que o barão de Moreira, ainda no dia 7 continuava no exercicio de consul geral, apesar das ordens que tinha recebido do sr. M. dos negocios estrangeiros, por isso pedia a s. ex.ª que o demittisse, segundo a promessa que fez na camara de que se elle não viesse para Portugal, no paquete que se acabou de chegar, o demittia, por ter desobedecido ás suas ordens.

Continuando, disse que lhe cumpria declarar, que não deu nunca, nem levemente, credito á accusação que se fez do sr. M. da fazenda, de que conservava o consul geral do Brazil, em consequencia dos presentes que d'elle tinha recebido; mas por dignidade do paiz, e por interesse de muitos milhares de portuguezes, pedia a s. ex.ª que resolvesse esta questão.

Os srs. Rocha Peixoto e visconde de Pindella usaram da palavra para declararem que tendo tomado parte na questão do barão de Moreira na sessão do anno passado, não podiam nem um instante acreditar na arguição feita ao sr. M. da fazenda, de ter recebido presentes para conservar aquelle empregado.

O sr. M. da fazenda, depois de agradecer aos srs. deputados o bom conceito que lhe merecia; disse que já tinha encarregado ao nosso representante no Rio de Janeiro para suspender o consul geral, se elle continuasse a querer exercer aquelle logar, e se não veio neste paquete o sr. barão de Moreira é pelas razões que elle allega em um officio que leu.

Que devendo ser imparcial, depois da defeza deste empregado, mandou todos os documentos ao procurador geral da corça; e espera pelo seu parecer para resolver definitivamente este negocio.

Ainda tiveram a palavra para dar algumas explicações sobre este assumpto, os srs. Luciano de Castro, visconde de Pindella, e J. A. da Gama.

Ordem do dia.

Discussão do parecer da commissão de poderes sobre a eleição de um deputado pelo circulo de Bardez.

A commissão é de parecer que não ha razão para annullar a eleição de Bardez, sendo proclamado deputado o cidadão Joaquim Manoel de Mello e Mendonça, que apresentou o seu diploma.

O sr. F. L. Gomes historiou as irregularidades que se deram n'esta eleição; irregularidades que reputa insaraveis, e por isso não podia approvar a conclusão do parecer.

O sr. J. Pinto Magalhães propoz que esta discussão ficasse adiada para segunda feira, convidando-se o sr. deputado eleito a vir á camara defender a sua eleição.

Foi admittida esta proposta; e depois de alguma discussão foi approvada.

O sr. Vaz Preto participou que se acha installada a commissão encarregada de examinar as consultas das juntas geraes de districto, tendo nomeado para presidente o sr. Rojo, para secretario o sr. Galvão e a elle para relator.

Entrou em discussão o parecer da commissão de poderes sobre a eleição de nm deputado pelo circulo n.º 73 (S. João da Pesqueira.)

A commissão conclue pela approvação da eleição.

O sr. Coelho do Amaral combateu o parecer pelas violencias praticadas na eleição; e ficou ainda com a palavra reservada para a sessão seguinte.

Levantou-se a sessão.

Sessão de 3 de fevereiro
(Presidencia do sr. Seabra)

Deputados presentes 60.—Acta approvada — Correspondencia.

O sr. Gaspar Pereira chamou a attenção do sr. M. das obras publicas para a directriz da estrada de Castello Branco á Guarda, a fim de se cumprir a lei, que manda que essa estrada tenha a Covilhã por ponto forçado.

O sr. Thomás Ribeiro enviou um requerimento, pedindo que o governo mande á camara todos os documentos relativos ás irmãs da carida-

de, declarando, que ha de perguntar repetidas vezes, se estes documentos tem vindo, porque não ha de levantar mão deste negocio.

O sr. Torres e Almeida enviou uma representação da direcção do banco mercantil do Porto, pedindo que se esclareça o § 1.º do artigo 3.º da lei organica do mesmo banco.

O sr. Afonso Botelho enviou uma representação d'alguns officiaes do antigo exercito de Portugal, em que pedem medidas que melhorem a a sua sorte. Igualmente enviou uma representação da camara de Sabroza, pedindo que o seu concelho seja elevado a comarca.

O sr. Mazzioti chamou a attenção do sr. M. da fazenda para a grande desigualdade das contribuições que paga o concelho de Cintra, e pediu providencias, assim como sobre a conveniencia de se alongarem os prazos para a cobrança dos impostos n'aquelle concelho.

O sr. M. da fazenda disse que em quanto á desigualdade da percentagem, ainda não teve representação alguma a esse respeito, mas se lhe fór presente, examinála-ha, e verá o que poderá fazer.

Em quanto ao allongar o prazo para a cobrança dos impostos, é uma medida geral já adoptada.

O sr. Carlos de Maia desejou ser informado pelo sr. M. da fazenda, se tenciona n'esta sessão apresentar alguma proposta para se attender ás indemnisações requeridas pelos arrematantes do subsidio litterario, em consequencia dos prejuizos que soffreram por falta do vinho.

O sr. M. da fazenda disse que ha muitas reclamações de igual natureza; e para poderem ser devidamente attendidas, tem mandado proceder á liquidação de todas ellas, para no fim apresentar á camara uma proposta para serem attendidas, o que faria ainda n'esta sessão, e no entanto não tem sido exigente nos pagamentos a que eram obrigados estes reclamantes.

O sr. D. José d'Alarcão enviou uma representação dos escrivães de paz da comarca de Fafe, pedindo providencias que melhorem a sua situação.

O sr. Sieuve de Menezes enviou tres notas de interpellação, e chamou a attenção do sr. M. da justiça, para a necessidade de fazer com que um juiz vá para a comarca de Angra.

O sr. M. da justiça disse que esta comarca é das de 1.ª classe; segundo a lei de 1855, só pôde ser despachado para juiz de 1.ª classe, um por cada vez; e precedendo consulta do supremo tribunal de justiça; porque sempre ha demora n'este despacho; mas da sua parte fará tudo quanto fór possível para abreviar este despacho;

O sr. Pinto d'Araujo disse que havendo jornaes que alcunham certos deputados de lazzaristas, e supondo que o governo não é, por isso esperava que se apressasse em responder á nota de interpellação que enviava dirigida aos srs. MM. do reino, estrangeiros e da justiça sobre os passos que tem dado o governo para fazer sahir do reino as irmãs da caridade francezas.

O sr. Annibal chamou a attenção do sr. M. da marinha para a necessidade de attender á sorte dos pilotos da barra de Setubal.

O sr. Bento de Freitas chamou a attenção do sr. M. da marinha sobre a necessidade de não obrigar os recenseados para o serviço maritimo produzirem documentos todas as vezes que repetidamente lhes exigirem na secretaria; porque lhes custa muito dinheiro, e faz-lhes muita falta.

O sr. M. da marinha disse que tomava em toda a consideração as observações do sr. Annibal; e occupava-se de uma medida que melhorasse a situação não só dos pilotos da barra de Setubal, mas dos de outras barras.

O sr. Manoel Firmino mandou para a meza 3 requerimentos de officiaes da guarnição da Porto.

Ordem do dia

Continuação da discussão do parecer da commissão de poderes sobre a eleição de um deputado pelo circulo de Bardez.

O sr. José Paes defendeu o parecer da commissão, allegando que as irregularidades que se dão nesta eleição não são da natureza de a invalidar.

O sr. Pinto de Magalhães combateu o parecer, dizendo que esta eleição significa uma lucta entre a auctoridade e a vontade dos povos do concelho de Bardez, em que esta foi subjugada por aquella, em vista das irregularidades que se deram, entendia que a eleição não podia ser approvada.

O sr. M. da marinha usou da palavra para levantar algumas accusações feitas pelo precedente orador ao governador da India, que tem feito uma boa administração nos estados que lhe estão entregues.

O sr. B. F. d'Abranches produziu algumas considerações contra o parecer da commissão, declarando que se reservava para em occasião opportuna pedir contas ao sr. M. da marinha sobre a pessima administração na provincia que tem a honra de representar.

Levantou-se a sessão.

Sessão em 4 de fevereiro
(Presidencia do sr. Seabra)

Deputados presentes 60.—Acta approvada — Correspondencia — Interpellações.

O sr. Cyrillo Machado chamou a attenção da commissão de instrucção publica sobre a necessidade de apresentar o seu parecer sobre a proposta do governo para se crear uma escola normal de mestras de meninas no Calvario.

E referindo-se a um officio do ministerio do reino em que se lhe pede que precise os pontos sobre que quer interpellar o sr. M. do reino, acerca da beneficencia publica, estranhou que s. ex.ª

se esquivasse por esta fórma a responder á sua interpellação; e não exigir que se faça a interpellação por escripto para mandar responder a ella da mesma fórma; e depois de fazer muitas considerações a este respeito, declarou que não desistia de verificar esta interpellação.

O sr. Luciano de Castro disse que não julgava que a questão de beneficencia publica se resolvesse por meio de uma interpellação; o meio era apresentar projectos de lei que regulassem esta materia, mas visto que o sr. Cyrillo Machado annunciou esta interpellação, enviava uma nota para tomar parte n'ella; assim como outra para tomar parte na interpellação annunciada pelo sr. Ayres de Gouvêa, sobre o andamento que o governo tenciona dar ao importante assumpto do livre commercio e cultura das vinhas do Douro; porque é necessario resolver este importante assumpto.

(Alguns srs. deputados pediram a palavra sobre este assumpto.)

O sr. Cyrillo Machado ainda usou da palavra para repellar algumas expressões do sr. Luciano de Castro, que julgou serem-lhe offensivas.

O sr. Ayres de Gouvêa por parte da commissão d'instrução publica, informou o sr. Cyrillo Machado de que a commissão não descura os negocios que estão entregues ao seu exame.

O sr. Pinto d'Araujo instou com o sr. presidente para fallar a respeito da questão levantada pelo sr. Luciano de Castro, sobre a liberdade do commercio, e agricultura dos vinhos do Douro.

O sr. presidente disse que não dava a palavra a nenhum sr. deputado, porque se ia passar á ordem do dia.

Ordem do dia.

Continuação da discussão do parecer da commissão de poderes sobre a eleição de um deputado pelo circulo de Bardez.

O sr. Braancamp defendeu o parecer, mostrando que dos documentos não se pode provar que houve coacção da autoridade n'esta eleição; e que as irregularidades que se notam não são da natureza a annullar a eleição.

O sr. F. L. Gomes novamente combateu o parecer da commissão

O sr. Ferrer por parte da commissão defendeu tambem o parecer.

A requerimento do sr. José de Moraes julgou-se a materia discutida; e, procedendo-se á votação por espheras, foi approvado o parecer por 51 espheras brancas contra 32 pretas.

O sr. Fontes Pereira de Mello deu algumas explicações a respeito de expressões proferidas pelo sr. M. da marinha, quando hontem tomou parte na discussão sobre a eleição de Bardez.

O sr. M. da marinha explicou o sentido das suas palavras.

O sr. presidente declarou que continuava a discussão sobre o parecer relativo á eleição de S. João da Pesqueira, e continuava com a palavra o sr. Coelho do Amaral.

O sr. Coelho do Amaral disse que não julgava conveniente discutir-se este parecer, sem ser convidado o sr. deputado eleito a vir defender a sua eleição, por isso prupunha o adiamento desta discussão.

O sr. Pinto Coelho declarou que estava authorisado pelo sr. Beirão a declarar que não comparecia, entregando a sua causa á justiça da camara.

O sr. Ayres Gouvêa mandou para a mesa dois pareceres da commissão de instrucção publica.

Levantou-se a sessão.

TRIBUNAES

Supremo tribunal de justiça

Sessão de 7 de fevereiro de 1862.

Julgamento.

9236 — Negou-se a revista.

9066 — Desprezados os embargos.

8914 — Não se julgou.

Para a sessão de 14 de fevereiro.

9334 — Recorrente Antonio Lemos Teixeira d'Aguilar, recorrido Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar; relator Cabral.

8914 — (Embargos.) Recorrente a camara municipal do Porto, recorrido José Ribeiro de Figueiredo.

Relação do Porto.

Para a sessão de 17 de fevereiro

Appellações crimes

Alijó — Anna Pinto e o ministerio publico, contra José Pinto e outro.

Coimbra — O ministerio publico, contra Joaquim de Moraes.

Moimenta da Beira — O ministerio publico, contra Francisco Joaquim, o Dez reis.

Moimenta da Beira — O ministerio publico, contra Serafim Luiz.

Aggravos.

Villa Nova de Famalicão — Alexandre José Corrêa, contra o curador dos orphãos.

Coimbra — Nuno Ferreira Henriques do Loureiro, contra o ministerio publico.

Agueda — O ministerio publico, contra o reverendo José Rodrigues de Mello e Silva.

Penafiel — José Diniz Garcez, contra José de Oliveira e Sá.

Distribuição.

Porto — Francisco Antonio da Silva, mulher e irmãos, contra Joaquim Antonio da Silva Rocha; juiz Souza, escrivão Cabral.

Vizeu — Bernardo José da Cunha Moraes, mulher e outros, contra D. Maria d'Assumpção e Moura; juiz Castro, escrivão Guimarães.

Villa Verde — Thereze Maria Gonçalves

Barbosa e marido, contra Bernardo Antonio da Silva Barros; juiz Pitta, por impedimento Castro, escrevão Sisva Pereira.

Almeida— Antonio Maria Jacob Rebocho, contra D. Maria Dellina, viuva e filhos; juiz Barbosa, escrevão Guimarães.

Braga — D. Raquel de Jesus Ferreira de Novaes, contra a irmandade de Santa Cruz; juiz Pinto, escrevão Albuquerque.

Porto — José Dias Neto, e mulher, contra Manuel Rodrigues de Oliveira, e mulher; juiz Abranches, escrevão Cabral.

Felgueiras — Maria Moreira, contra Sabina Maria Moreira, e marido; juiz Silveira Pinto, escrevão Guimarães.

Miranda do Corvo — Manoel Antunes Raposo, e mulher, contra José Maria de Almeida; juiz Aguilár, escrevão Silva Pereira.

Ponte do Lima — Luiz Antonio d'Araujo e outros contra Manoel José Velho, mulher e outros; juiz Seabra, escrevão Albuquerque.

Feira — Manoel d'Oliveira Manca e outros, contra Manoel Ferreira Borralha e outros; juiz Lima, escrevão Cabral.

Porto — Francisco José Ribeiro Seara, contra Vicente Alves de Souza e outros; juiz Leite, escrevão Guimarães — (Tem reconvenção por appellido).

Porto — A camara municipal d'esta cidade, contra D. Amelia Augusta de Barbosa e Albuquerque, marido e outros; juiz Lopes Branco, por impedimento Aguilár, escrevão Silva Pereira.

Aggravos

Ponte do Lima — Manoel José de Sousa Vazrajão, mulher e outros, contra Francisco da Costa Beserra e mulher; juiz Pinto, escrevão Guimarães.

Barcellos — Antonio José Loureiro e seu filho, contra o ministerio publico; juiz Abranches, escrevão Silva Pereira.

EXTERIOR

DESPACHOS DIRECTOS

Madrid 8 de fevereiro, ás 4 horas e 55 minutos da tarde.

Os hespanhoes protestantes foram condemnados.

Lord Palmerston declarou na camara que a Inglaterra respeitará a independencia do Mexico.

O general mexicano Uragá retrocedeu. Os gargonistas concentraram-se, fortificando os caminhos.

Madrid 11 de fevereiro, ás 5 horas da tarde.

Ricasoli entrou em alliança com a extrema esquerda.

Garibaldi é esperado em Napoles pelo seu partido.

Chegaram a Buenos-Ayres esquadilhas de França e Inglaterra; e falla-se tambem alli de intervenção europea.

Dos jornaes recebidos hontem extrahimos os telegrammas seguintes:

— Da «Chronica dos dois mundos»:

«Londres 6. — O Globe, annuncia que o secretario do archiduque Maximiliano se embarcou para o Mexico, afim de preparar os animos em favor da sua candidatura.

O archiduque pensa em ir a Veracruz dentro de breves dias.»

«Pariz 6. — O general Prim chegou a Veracruz, onde foi recebido com enthusiasmo.

O estado da povoação cada vez é melhor.

O general mexicano fortifica apressadamente Ceno-Gordo, receitando um ataque das tropas aliadas.

O presidente Juarez acha-se completamente desconcertado, e apenas pode contar com as suas tropas.»

«Pariz 6. — O general Prim, em uma proclamação dirigida ao exercito, diz que os hespanhoes não vão conquistar, senão pedir satisfação das offensas que receberam no Mexico; e que se esta republica resistir, elle saberá guiar os soldados pelo caminho da gloria.»

«Pariz 7. — Roma está summamente agitada, e receia-se de um momento para o outro alguma grave demonstração do partido annexionista.

«O «Moniteur», de hoje, desmente terminantemente a noticia de que o general Prim tomará o commando em chefe das tropas aliadas.»

— Da «Correspondencia»:

«Turin 4. — O barão Ricasoli occupa-se na redacção de um projecto de accordo com a santa sé.»

«Trieste 4. — A esquadra turca chegou a Antivari com o fim de vigiar Garibaldi, e decretou-se em Constantinopola um novo recrutamento.»

«Turin 4. — A «Gazeta de Turin» desmente os boatos de que se suspenderão as obras de perfuração do monte Cénis.

Na camara foi tomada em consideração uma proposta concedendo direito de cidadão aos emigrados italianos. O governo oppoz-se, e por occasião da discussão apresentará as suas razões.»

«Novo-York 4. — Confirma-se a noticia de uma victoria ganha pelos federaes no Kentuki. De ambos os lados, as perdas foram consideraveis. Houve a maior desordem quando os confederados emprehenderam a fuga.»

«Vienna 4. — A «Gazeta de Vienna» combate com indignação o artigo da «Gazeta de Colonia» que fallava de negociações relativas á venda de Veneza.

A imprensa de Vienna diffunde o boato de

que vão ser diminuidas as forças do exercito distribuidas no Veneto.

A maior parte das tropas que occupam a capital de Veneza, irá para as provincias limitrophes, afim de diminuir os encargos de alojamento.»

«Pariz 4. — O «Moniteur» official desmente a noticia dada pelos jornaes estrangeiros, de que na quinta secção do senado o ministro dos negocios estrangeiros fizera em nome do imperador certas declarações relativas á questão italiana.

Confirma-se a noticia de que a pequena republica do Perú offereceu a Juarez todos os auxilios de que podesse dispor para combater as trez nações aliadas.»

Berlin 5. — A Russia insiste com a santa sé para que desaprove o procedimento do clero polaco, e diz que, em caso contrario, reconhecerá o rei de Italia.»

«Pariz 5. — O baile que houve hontem nas Tulherias, esteve brilhante. Nelle, o imperador fallou muito tempo com Metternich.»

«Vienna 6. — Continuum as negociações para o throno do Mexico, mas sempre cou caracter particular.

As inundações do Danubio fizeram grande estrago nos campos.

«Turin, 5. — Em Florença e em Parma houve manifestações populares, em que se gritava: «Viva o papa, não rei! Viva a Italia! Viva Victor Manuel.»

«Bucharest, 5. — Em consequencia de manejos revolucionarios, houve movimentos populares em algumas povoações, e as massas marchavam em direcção a esta cidade. O perfeto de Nolaras, que pretendeu oppor-se, foi morto, assim como ficaram maltratadas outras auctoridades. O principe Couza enviou tropas com toda a urgencia.

O ministerio está formado, ficando com a presidencia e a pasta do interior, Barbo Catardii.»

«Alexandria 5. — De Beyrouth dizem que augmenta a desordem na Syria, e que alguns bandos armados interceptam o caminho de Damasco. Um musulmano foi condemnado á morte por um desses bandos, assim como um christão por um pachá.»

Londres, 5. — A victoria dos federaes em Kentuki é considerada como a mais importante da campanha.

Abre-se amanhã o parlamento. Esperam-se interpellações sobre a questão mexicana e observações acerca do bloqueio dos Estados-Unidos.»

«Pariz 5. — O ministerio prussiano resolveu retirar os dois projectos de lei relativos á responsabilidade ministerial e organização do tribunal de contas.

O corpo legislativo ouviu o parecer da commissão que propõe se adopte o projecto de lei relativo á conversão da divida.»

Pariz 6. — O banco de França baixou os descontos a 4 por 100.

Todo o corpo expedicionario para o Mexico saiu já dos portos francezes.

O contra-almirante Jurien de la Gravière foi promovido a vice-almirante.

E' absurdo o boato de uma alliança entre a Inglaterra e a Austria.

O nuncio de sua santidade, monsenhor Chigi, manifestou que está satisfeito pelo acolhimento que obteve no palacio das Tulherias.

A França e Inglaterra estão de accordo para fazer cessar o bloqueio dos portos americanos.»

Pariz 6. — As esquadras das trez potencias aliadas reuniram-se antes de chegarem a Veracruz, a cinco milhas do sul do cabo de Santo Antonio. Os aliados foram perfeitamente recebidos pela povoação de Veracruz. Os hespanhoes adquiriram as sympathias dos habitantes pelo seu bom comportamento e disciplina. No dia 8, seguinte ao do desembarque, reunir-se-hiam os commandantes em chefe das tropas aliadas afim de regular a marcha que tinham de seguir e acordar em uma proclamação que deviam dirigir ás povoações das provincias mexicanas, explicando-lhes o fim da reparação e a concordia que as potencias aliadas levam ao Mexico.»

«Berlin 7. — Espera-se aqui, para maio, o imperador da Russia.»

Pariz 7. — Correm boatos de que o archiduque Maximiliano obteve licença do imperador de Austria para acceitar o throno do Mexico, e que manifestou que está disposto a acceital-o.»

Turin 7. — O governo de Victor Manuel perguntou se os principes desterrados podem apresentar-se como candidatos ao throno do Mexico.»

O discurso da rainha Victoria, na abertura do parlamento britanico, no dia 6, annuncia que continuum sendo amigaveis e satisfatorias as relações com as potencias estrangeiras, e julga que não ha razão para temer que se altere a paz. O discurso termina dizendo que é de esperar que as condições favoraveis do paiz alliviarão os padecimentos de sertos ramos da industria.

NOTICIARIO

Frio. — Depois das chuvas e humidades com que janeiro se despediu, começou uma quadra de tempo secco e ameno, como para nos indemnizar dos máus dias que antes houvera.

D'envolta com o sol veio porem um frio, e ás vezes de manhã um vento nordeste e asper, que não deixa apreciar completamente a belleza do tempo.

Em geral as noites são frigidissimas, e de dia mal pode estar-se a não ser ao calor benefi-

co do sol. Ainda assim antes isto que a chuva, e diz a esperiencia que o frio, neste tempo, é bom prenuncio da fertilidade do anno.

Mascaras. — Estamos em pleno carnaval. Todas as noites, se encontram bandos de mascaradas que vão para casa de diversas familias, onde alternadamente se reúnem. Nesta epocha ha verdadeira animação, e convive-se como nunca. Ha franqueza e cordialidade, que são provas de mais adiantada illustração que a etiqueta rigorosa. Pena é que tudo isso (tudo, não, mas a franqueza, pelo menos) acabe com o carnaval, que vem já proximo.

No dia 3 de março ha no Club a *soirée* do costume.

Marinha de guerra. — Do orçamento do estado, que depois d'approvedo ha de regular a despesa de nossa marinha militar no anno economico de 1862 a 1863, extrahimos alguns esclarecimentos, para que bem se possa apreciar a sua força actual, e a que virá a ter, depois de realisada a approvação do mesmo orçamento:

A força naval effectiva da nossa marinha acha-se assim distribuida no orçamento para o mesmo anno:

Navios	Pessoal
Fragata «D. Fernando»	200
Corveta «D. João I»	182
Corveta «Góá»	182
Brigue «Pedro Nunes»	148
Corveta «Damão»	115
Transporte «Martinho de Mello»	60
Escuna «Penha Firme»	48
Palhaboré «S. Thomé»	52
Cuter «Ligeiro»	26
Cahique «Serra do Pillar»	26
Cahique «Mindello»	26
Corveta a vapor «Estephania»	380
Corveta a vapor «Bartholomeu Dias»	300
Corveta a vapor «Sá da Bandeira»	160
Corveta a vapor «Sagres»	160
Vapor «D. Marianna»	130
Escuna a vapor «Barão de Lazarim»	114
Vapor «Mindello»	134
Vapor «Infante D. Luiz»	134
Vapor «Lynce»	71
Vapor «Argus»	71

Total . . . 2:719

O pessoal do arsenal de marinha effectivo é de 823.

O pessoal separado do quadro é de 121.

O pessoal da cordoaria é de 169.

O pessoal fóra do quadro é de 12.

Destes dados avulsos, que ahí deixamos apontados, vê-se que o estado actual da nossa força naval é diminutissima, e que, mesmo depois de realisadas as reformas que prescreve o orçamento para o anno economico de 1862-1863, não será, ainda assim, a força naval da nossa marinha com paravel sequer ao que as tradições nos dizem que ella fóra em outras eras.

Apezar disso venham, ao menos, as reformas propostas, e confieemos no espirito do anexam popular que diz: devagar se vai ao longe.

São, portanto, 21 as embarcações de guerra portuguezas sendo estas guarnecidas por 2:719 homens.

O pessoal de 2:719 individuos, pedido no orçamento para guarnecimento dos navios que formam o armamento naval proposto para 1862-1863 acha-se assim classificado:

Capitães de mar e guerra 3, capitães de fragata 7, capitães tenentes (commandando) 4, primeiros tenentes (idem) 7, capitães tenentes (guarnição) 7, primeiros tenentes (idem) 22, segundos tenentes 40, capellães 3, guardas marinhas 20, aspirantes 19, cirurgiões de divizes 2, cirurgiões de 1.ª classe 8, cirurgiões de 2.ª classe 8, cirurgião extraordinario 1, officias de fazenda 31, carpinteiros 20, calafates 14, serralheiros 5, tanoeiros 1, feis de generos 31, feis de artilheria 16, sargentos de mar e guerra 13, escreventes 17, barbeiros 14, cozinheiros 44, enfermeiros 19, dispenseiros 29, criados 191, padeiros 15, inferiores 27, corneteiros 15, companhias de embarque 1952, officias de manobra 64, machinistas navaes 144.

Analyse chymica. — (Da *Revolução*) Os homens da ciencia acabam de dizer a sua ultima palavra acerca das causas da fatal enfermidade de S. A. o senhor infante D. João.

Concluiu-se hontem no laboratorio da escola polytechnica a analyse chymica nas visceras e mais contentos do Augusto cadaver.

A analyse foi feita com todo o rigor. Declararam os peritos, que não havia naquelles objectos substancia alguma toxica, e que os resultados da analyse comparados com a historia da doença do sr. D. João, não deixaram a menor duvida de que S. A. fóra victima de uma febre typhoide.

As apprehensões do publico sobre os acontecimentos que enlutaram a familia real e o paiz deve agora ficar completamente desvanecida.

Parte das visceras não analysadas foram remetidas para o juiz do 3.º districto criminal desta cidade, a fim de que a todo o tempo possam ser sujeitas a um novo exame quando se exija uma contra-prova da analyse que se concluiu hontem.

A outra parte deve ser encerrada n'um vaso, para ser decentemente depositado em o logar que lhe pertence na igreja de S. Viceute de Fóra.

Honras merecidas. — (Diz o mesmo jornal) A Academia das Bellas Artes de Lisboa, em conferencia de 30 de janeiro findo, approvou por unanimidade a proposta do professor, o sr. J. de C. Sequeira, dividida nas seguintes trez partes:

1.ª Para que se declarasse na acta que a

academia sentira profundamente o fallecimento do seu illustre fundador, o sr. Manuel da Silva Passos.

2.ª Para que um dos professores da academia se encarregasse de fazer o retrato do fallecido estadista, a fim de ser collocado em uma das salas daquelle estabelecimento.

3.ª Para que a academia enviasse uma carta de pezames á exm.ª sr.ª D. Gervasia Joaquina da Silva Passos, viuva do fallecido patriota, e a suas excellentissimas filhas, manifestando-lhe a dor que tão lamentavel perda produziu naquella corporação de artistas; e communicando-lhes a resolução tomada pela academia de inaugurar o retrato do seu fundador, d'uma maneira digna e solemne, para perpetuar o sentimento de respeito e reconhecimento da mesma corporação.

O sr. João Christino, professor da academia, foi o encarregado de ir a Santarem entregar nas mãos da exm.ª viuva a carta de pezames, cuja missão triste e honrosa cumpriu antes de hontem.

Para fazer o retrato do sr. Passos Manuel offereceu-se espontaneamente o sr. Manuel Antonio da Fonseca, professor de pintura historica.

A Academia das Bellas Artes de Lisboa torna-se digna dos maiores elogios por esta resolução de pagar tão dignamente uma divida de gratidão á memoria do grande estadista.

Naufragio. — (Do *Viannense*) Por participação telegraphica recebida hontem á noite sabe-se que a escuna Nigra, pertencente ao sr. Domingos José Affonso de Espregueira, fóra a pique a 6 leguas ao mar de Salvora (?). A tripulação salvou-se na lancha, e está em Villa Garcia. Levava um carregamento de milho para Cork. O casco estava seguro na *Companhia Garantia*, do Porto, e *Restauração* de Lisboa, e o frete na *Bonança*, tambem de Lisboa.

Outro. — (Da *Aurora de Lima*) Na sexta-feira passada naufragou á entrada da barra d'Espozende o patacho *Cruz 1.ª*, pertencente á praça do Porto; salvou-se a tripulação.

Parece que este navio se dirigia áquelle porto para fazer obras no casco.

Importação. — (O *Diario Mercantil*) diz que o navio *S. João*, entrado hontem de Hespanha, conduziu 168 pipas d'aguardente de vinho para o sr. Simão Duarte d'Oliveira.

Memoria importante. — Mr. Bouchut leu ultimamente na academia de ciencias de Pariz uma interessante memoria acerca da mortandade das creanças. Esta, considerada nas diferentes condições sociaes, é hoje em França de uma sexta parte no primeiro anno da vida, ao passo que n'outro tempo era de uma quarta parte. No mesmo periodo a mortandade das creanças é de uma quinta parte nos varões, ao passo que é de uma sexta parte nas femeas. A mortandade das creanças é mais consideravel nas familias pobres que nas ricas. O frio augmenta a mortandade das creanças recém-nascidas, e no inverno não se póde sem perigo tirar as creanças para as levar á igreja. A mortandade das creanças abandonadas, naturaes ou legitimas, creadas no campo, é de 14 por cento no primeiro anno da vida. A mementação por meio de vidros ou outro meio analogo augmenta muito as probabilidades da morte nas creanças expostas. A mortandade das creanças da classe media dadas a crear fóra de casa materna é de 29 por cento no primeiro anno da vida.

Lagos. — Não deixa de ser curiosa a seguinte noticia acerca da altura que tem sobre o nivel do mar os lagos mais notaveis do mundo. O de Lucerna, o mais elevado dos lagos da Europa, no qual navegam vapores, está situado a 1:406 pés sómente sobre o nivel do mar; o lago de Titicaca, na America do Sul, entre Bolivia e o Perú, está a 12.850 pés sobre o nivel do mar. Este lago tem 170 milhas no seu maior comprimento e 70 milhas na sua maior largura. Tem 120 braças de profundidade perto das margens, o que faz crer que no centro será muito maior a sua profundidade. Os grandes lagos da America do Norte acham-se sómente de 230 a 610 pés de elevação sobre o nivel do mar. O lago de Chatuaque, no estado de Nova-York, que é o maior que ha navegavel para vapor na America do Norte, acha-se a 1.306 pés sobre o mesmo nivel. Em quanto ao lago de Titicaca, poderia conter todos os navios que ha nos mares do mundo.

Boa pyramide. — O *Australim Mail*, diario de Melbourne, diz que a Australia será devidamente representada na grande exposição de Londres. Em Melbourne houve uma exposição preparatoria dos objectos que hão de ser enviados ao novo palacio de cristal. Entre estes objectos chama attenção, e chamal-a-ha tambem em Inglaterra, uma pyramide de ouro, symbolisando a grande quantidade daquelle metal exportada pela Australia: tem 10 pés de diametro na base e 45 de altura. Como obra de architectura não tem grande merito; porem fará impressão nos concorrentes do palacio de cristal pela immensa somma que representa, a saber: oitocentos milhões de libras sterlingas.

Boa proposta. — Trata-se de propor á municipalidade de Madrid, diz a *Revolução*, um projecto para que esta corporação destine alguns milhões de emprestimo municipal á construção de casas com quartos pequenos e baratos, que são as que mais escaceiam naquella cidade, nos muitos terrenos que, sem proveito algum, existem nos pontos mais centraes de Madrid, pagando-se as quantias adiantadas por meio de rifas das mesmas propriedades, ou de venda em hasta publica.

Desta maneira, segundo diz um jornal hespanhol, julga-se que com quatro milhões de reales destinados áquelle fim poderão construir-se em cada anno oito ou dez propriedades com capaci-

dade cada uma para vinte inquilinos, sem mais sacrificio para o municipio que o adiantamento do dinheiro.

Lisboa precisa muito de edificações semelhantes para as classes operarias, o que talvez se poderia conseguir da maneira indicada.

Ultima demão. — Não perdem o costume. Julgam que fallando alto, e com insolencia amedrontam os outros. E' um engano em que estão, e que só a experiencia lhes ha de tirar.

Sustentamos o que dissemos, e como o dissemos em relação á venda das marinhas. O deputado que accetion as procurações fez o que fazia qualquer procurador, e nada mais. As marinhas subiram ao valor que a concorrência dos pretendentes lhes havia de dar em todo o caso. A prova é que os Castanhos chegaram á 3:000\$ sem que estivesse presente o mesmo deputado, lançando elle n'esta propriedade sómente 3:025\$, preço porque lhe foi adjudicada.

Não lhe chamem *general de papellão*, se lhes desagrade o epitheto, mas concordem em que não fez mais do que faria outro procurador, á excepção da vaidade com que se fez apregoar protector dos conventos. Esta vaidade é que é só d'elle, porque é necessario ser grande parlapatão para se jactar d'uma cousa semelhante, e com modos, que causam nójo a toda a gente.

Quer que o louvem por ser incorruptivel. Isso não merece louvor. Se o fez cumpriu o seu dever; dever facil, visto que ninguém tentou arredal-o d'elle. A sua pena é talvez essa.

Mas argumentam com a venda d'outros bens, e em epochas remotas. A citação é bem trazida, mas não nos dizem porque é que os bens de todos os conventos tem sido hoje incomparavelmente mais bem vendidos do que o foram em 1834. Não nos explicarão tambem porque os bens do Alemtejo pertencentes a um dos conventos de Lisboa, subiram ultimamente a trinta contos de réis na praça? Foi talvez por intervenção do *general de papellão*? Talvez.

Isto, o que não comporta, é discussão séria. Os homens que saltam por cima de todas as conveniencias, que injuriam a todos, que fazem do seu jornal uma sentina immunda, queixam-se ás vezes de não serem tratados a serio. E' impossivel. Discutam lá seriamente com quem leva todas as questões para a praça do peixe, a cuja linguagem se habituaram, emaranhando a discussão de episodios extranhos a ella, d'apodos grosseiros, e pulhas alvares.

Temol-os levado d'estacada em estacada até ao ultimo reducto, e agora abandonamol-os, porque nem o seu realejo tem apresentado cantiga, que mereça ouvir-se, nem nós temos paciencia para proseguir no debique. Ficamos, porém, armados, podem ter a certeza, e cá estaremos logo que o julgarmos a proposito.

Obito. — Falleceu ás 2 h. da madrugada d'hoje a mãe dos nossos patricios e amigos os srs. José Roque Machado, e João José dos Santos Machado. Ha 30 annos que havia perdido completamente a vista, e tinha 86 annos d'idade. Era senhora de tracto affavel, e de bom coração. Deixa pezarosos os seus, e os que tinham tido occasião de conhecê-la durante o seu longo trajecto neste mundo.

Tem amanhã officio na capella do cemiterio publico d'esta cidade, onde fica hoje depositada. Acompanhamos seus filhos e familia no seu justo sentimento.

Locomotiva. — Chegou ha dias nova locomotiva para os caminhos de ferro. Foi hontem desembarcada a muito custo para a barca que tem de a conduzir a Estarreja.

Loteria de Lisboa. — Por uma parte telegraphica recebida no dia 11 do corrente, na cidade do Porto pelo cambista Roriz, vê-se que os numeros que tiveram maior premio na extracção do dia 11 foram os seguintes:

N.º	Prem.	N.º	Prem.
3209	10:000\$000	2346	100\$000
3576	1:000\$000	4687	»
1660	800\$000	355	»
4190	500\$000	630	»
1186	300\$000	388	»
2217	300\$000	1547	»
3882	200\$000	3684	»
2943	200\$000	454	»
4603	200\$000	869	»
3532	200\$000	406	»
2707	140\$000	3705	»
2194	100\$000	3789	»
145	»	2774	»
3064	»	4695	»

CORREIO

LISBOA 12 DE FEVEREIRO

(Do nosso correspondente.)

Pouco tenho hoje para dizer-lhe. A attenção e a expectativa publica estão prezas á discussão da camara dos pares, onde ha ainda muitos oradores inscriptos.

Realmente, val a pena que se esteja gastando tempo neste debate! Sempre supuz que a discussão na camara dos pares havia de ser muito mais apaixonada do que o foi na casa electiva.

O facto veiu confirmar as minhas presumpções.

Já não tem sido pouco o que ali tem havido, e saberá Deus ainda o que haverá.

Na sessão de segunda feira, o sr. marquez de Niza parecia ter visto em cada palavra do ministro da fazenda um insulto, e houve-se mais como um homem que provoca um pugilato, do que como um juiz que avalia uma causa.

Estas cousas são ridiculas em qualquer tribunal, mas muito mais n'uma camara, cuja indole deve ser conservadora. Eu pelo menos assim

o intendo. Haverá quem o julgue d'outro modo, e talvez melhor; não duvido; mas repugnam-me certas bravatas em logar que não é para ellas.

O sr. Silva Ferrão em quanto tratou a questão no campo da jurisprudencia andou bem; mas em materia de responsabilidade governativa estabeleceu principios incriveis. Para S. ex.º o verdadeiro responsavel é o governador civil, e os seus empregados e agentes na escala descendente.

Isto é um absurdo no systema constitucional, onde é o governo quem responde sempre pelos actos dos seus empregados.

Fallou tambem o sr. conde de Thomar, e ainda ficou com a palavra reservada para hoje, por que hontem não houve sessão, em consequencia de alguns ministros, o conselho d'estado, e alguns pares terem de apresentar autographos de algumas propostas á sanção real.

Em abono da verdade cumpre dizer que o sr. conde de Thomar se houve com menos vehemencia do que era de esperar dos seus habitos. Se o fez por calculo politico, ou por prudencia para evitar reconvenções que lhe podiam ser factas, não sei. O caso é que se mostrou muito cauteloso e moderado na fraze, embora pungente na idéa.

Mas aquelle par não tem sympathias no publico. Um homem que commetteu tantos erros durante as suas administrações, não tem auctoridade para condemnar os erros alheios.

S. Ex.º ainda continúa hoje, porque não pode concluir na ultima sessão o seu discurso. O governo conta perder a votação, e dado este caso, e ainda que não se retire diante della, nem por isso deixa de existir uma crise, porque não ha governo que possa continuar a gerir as cousas publicas com uma maioria contraria na camara dos pares, que lhe regeita ou addia tudo quanto seja approvedo na camara dos deputados.

Nesta conjuntura, a maioria da camara electiva tem, segundo me consta, tomado uma resolução muito séria e de muito alcance.

Parece que se a votação dos pares não for favoravel ao ministerio, a maioria dos deputados se reunirá desde logo, em conferencia particular e sobre si para deliberar, e mostrar ao governo qual é a sua vontade. Isto é, a maioria colloca-se na situação não de quem segue o governo, mas de quem o apoia, mostrando-lhe a força de que dispõe, e indicando-lhe os alvitres que deve adoptar para que a situação politica não vá parar ás mãos da opposição, que abertamente se tem declarado reaccionaria. Nem as suas actuaes legações significam outra cousa.

Pode ser que esta obstinação da camara dos pares ainda venha a produzir alguns resultados vantajosos para o partido liberal.

O que estou desde já prevendo é que quem mais ganha com isto é o partido novo; porque, talvez, quando menos se espere esteja estabelecida a linha divisoria que separe o partido liberal do partido da reacção.

A verdadeira causa de toda esta dissidencia na camara dos pares não é outra senão a reacção. E' a questão das irmãs da caridade, que se acoberta sob esta nova forma, mas que, no fundo é o verdadeiro movel da questão.

Eis ahí porque a considero de muita importancia e gravidade.

Na sessão de segunda-feira foi approveda a lei da regencia. Não houve discussão, e os pares votaram unanimemente.

Hontem houve varias interpellações na camara dos deputados ao ministro das obras publicas.

Uma dellas versou sobre a carestia das taxas do telegrapho electrico, e o serviço daquella repartição.

Da resposta do sr. Thiago Horta deprehende-se que S. ex.º tem intenção de apresentar ainda nesta sessão uma proposta no sentido d'alterar não só o preço dos despachos telegraphicos, mas tambem a parte material daquelle serviço, que indubitavelmente carece de ser reformado.

O projecto de lei para a distribuição e classificação das estradas, que hontem entrou em discussão, dá logar a uma infinidade de propostas. Cada deputado quer uma estrada para a sua localidade, e este amor local prejudica, quando não é bem intendido, ou quando é muito exigente, o interesse geral.

A falta d'um plano geral d'estradas tem-nos atrazado muito.

A questão creio que continúa ainda hoje, se não a preterir o projecto sobre reforma e promoção dos juizes de segunda instancia, em que hontem se sobreteve pela ausencia do ministro das justicas.

O sr. infante D. Augusto continúa muito melhor. Segundo o que diz o ultimo boletim, S. A. tem adquirido alguma força nos pés.

Falla-se ha dias em que o sr. Patriarcha pretende resignar. Não sei se isto é verdade. O que sei é que elle no domingo deo um jantar em obsequio ao sr. visconde d'Alte, para o qual foram tambem convidados o nuncio, o ministro dos negocios estrangeiros, e o visconde d'Algés.

Este cavalheiro prepara-se para ser chefe da nova situação politica, improvisada na camara dos pares. Eu logo vi que a opposição do sr. visconde levava agua no bico.



PORTO Rasca port. «Correio d'Aveiro» m. J. Simões 7 pes. de trip. sal.

IDEM Rasca port. «Flor d'Aveiro» m. A. J. Diniz, 10 pes. de trip. sal.

VIANNA Rasca port. «Conceição d'Aveiro» m. F. de Mattos, 10 pes. de trip. sal.

PORTO Hiate port. «Lealdade» m. M. F. Pinto, 8 pes. de trip. sal.

IDEM Hiate port. «Cruz 3.º», m. J. L. Amaro, 7 pes. de trip., sal.

VIANNA Hiate port. «Panorama», m. A. G. Tinoco, 9 pes. de trip., sal.

PORTO Hiate port. «E' Segredo», m. A. N. Ramizote, 7 pes. de trip., sal.

IDEM Hiate port. «Fenix», m. J. Nunes, 7 pes. de trip. sal.

IDEM Hiate port. «Christina», m. J. A. de Pinho, 8 pes. de trip.

LISBOA. Hiate port. «Dois Irmãos 1.º», cap. M. A. R. Netto, 8 pes. de trip., taboado.

ANNUNCIOS

PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

EDITAL

Germano Antonio Ernesto de Pinho, professor das cadeiras 1.º e 2.º d'este lyceu nacional, servindo de reitor no impedimento do respectivo.

Faço saber que em reunião do conselho do lyceu do dia oito de fevereiro corrente, se deliberou, que perderam o anno por faltas os alumnos seguintes:

Primeiro anno.

N.º 2 — Manuel dos Santos Neves.

N.º 3 — João Duarte da Rosa Vidal, (podendo este continuar a frequentar como voluntario as aulas das cadeiras 1.º e 2.º e desenho)

Cadeiras 1.º e 2.º

N.º 14 — Guilherme Henriques d'Almeida Machado.

N.º 27 — José Joaquim d'Almeida Vasconcellos.

N.º 29 — João Eduardo Nogueira e Mello.

N.º 39 — Manuel Rodrigues de Carvalho Junior.

N.º 40 — Francisco Julio Monteiro.

Cadeira 3.º

N.º 12 — João Eduardo Nogueira e Mello.

Cadeira 6.º

N.º 1 — José Marques da Silva.

Desenho linear

N.º 3 — Guilherme Augusto Taveira.

N.º 6 — Manuel da Rocha Salgueiro.

N.º 11 — José Joaquim d'Almeida Vasconcellos.

N.º 15 — Antonio Maria Gomes Correia.

N.º 16 — Francisco Julio Monteiro.

Cadeira de francez.

N.º 2 — José Homem Correia Telles.

N.º 5 — Alexandre Bernardo de Sousa.

N.º 9 — Anselmo Freire d'Almeida.

N.º 11 — Alberto Freire d'Almeida.

EM 12 PORTO Hiate port. «Deus Sobre Tudo» cap. J. S. Ré, 7 pes. de trip. sal.

IDEM Hiate port. «Conceição Feliz» cap. F. de Oliveira, 6 pes. de trip. sal.

IDEM. Hiate port. União, cap. J. da Rocha, 6 pes. de trip., sal.

IDEM. Rasca port. «Moreira», m. L. Henriques, 10 pes. de trip. sal.

IDEM. Rasca port. Patusca, m. J. F. dos Santos, 8 pessoas de trip., sal.

ENTRADAS em 11.

LISBOA. Galiota Holandesa «Oriensdchap, cap. Frans F. Biere, 5 pessoas de trip., carvão de pedra a sr. D. ch. Math.»

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.

FIGUEIRA. Escuna ingleza «Hopes», cap. D. Honeyvell, 5 pes. de trip., bacalhau aos srs. Pereira & Filhos.